

isto **não** é uma  
  
**editora**



# MEDO E DELÍRIO EM ALVORADA

Trabalho lá no Mãe de Deus, no hospital, e moro aqui na Alvorada. Se eu corro, consigo pegar o ônibus das oito. Pouco depois das nove, já apanho os dois meninos na vizinha. O José arrumou lugar de vigia — chega já é dia claro.

O negro esse é malandro conhecido aqui da Alvorada, volta e meia vejo no ônibus das oito, bêbado, esbarrando nas mulheres. Desce sempre uma parada antes de mim.

Já estive em ônibus lotado? Mal dá pra se mexer. O negro descarado se esfregando. Sou mulher de respeito, mãe de família, trabalhadora. Toda vez que o motorista freava, morro de vergonha de dizer, o negro metia a mão nas minhas partes e fungava na orelha — o bafo da cachaça dava enjôo.

De tão tarado, perdeu a parada. Quando chegou na minha, saltei e olhei pra trás e lá estava o negro, o olho vermelho, me seguindo. Saí correndo pela calçada, só pensava nos dois pobrinhos me esperando. Mas o negro era mais ligeiro e logo agarrou meu braço e começou a me dizer desaforo. Eu implorei, Deus é testemunha, mas sua mão apertava forte e ele me arrastou pro campinho.

Chegou lá fez comigo o que bem quis. Se eu resistisse, me estrangulava ali mesmo. Na hora do desespero, os meninos me

vinham à cabeça. Fez questão de tirar minha roupa, bem devagarinho, elogiando minha pele branquinha, meu cabelo loiro, mordendo e babando meu pescoço. A calcinha de renda estraçalhou com os dentes.

Me violou três quatro vezes. Brutal, não parava nunca, me deixou toda machucada. Você conhece a fama dos negros? Pois eu conheci. Uma coisa daquelas eu nunca tinha visto. Casei virgem e sempre de respeito, os dois meninos são de cesariana.

Mas o pior veio depois, me mandou fazer coisas que até as mulheres de rua têm vergonha, meu Deus. E não teve pressa, duas três vezes — me emporcalhava e seguia sem parar, feito bicho.

Quando me deixou, já passava da meia-noite. Tirei a areia do cabelo e cuspi o nojo da boca. A vizinha agoniada na janela. Os dois meninos, ainda acordados, correndo porta afora gritando mamãe. A catinga do negro fedendo em meu corpo.

Estive, sim, com a loira. Mas deixado por ela, que ansiava pelo mesmo que eu. Conheço ali do ônibus. E de vista, aqui da Alvorada. Sempre muito assanhada, assim, espalhafatosa, provocante. Juro que não sabia que era casada, mãe de família.

Tenho o hábito de passar no boteco quando saio do trabalho, quem não toma umas doses? Naquela noite, não bebi mais nem menos. O ônibus vinha cheio, no meio do corredor estava a loira — os peitos quase saindo pra fora da blusa, a calcinha minúscula aparecendo debaixo da calça branca. Mulher de respeito usa calcinha como aquela?

Fui me chegando pra perto, a gente passa o dia trabalhando, é bom tirar uma casquinha de vez em quando. Encostei meu corpo nela — toda durinha que só vendo. Sempre que o motorista freava,

ela colocava a bundinha pra trás. Sabe que loira tem tara por negão? Dessas eu me aproveito, também sou filho de Deus. Quanto mais eu encoxava, mais arrebitava. Tão concentrado na sacanagem, perdi minha parada. Acabou que descemos no mesmo ponto.

A loira saiu na frente, se rebolando e rindo. Uma mulher assim é pra gente se servir, meu irmão. Sou solteiro, desimpedido, não sou homem de perder oportunidade dessas. Encostei nela, peguei pelo braço e passei a conversa.

Ela fez docinho, quis dar uma de difícil. Tem mulher que quando diz não é sim, era o caso dessa loira. Puxei o braço e levei pro campinho de futebol.

A roupa dela tirei de mansinho, cada peça era um suspiro. A pele bem branca refletia a luz da lua e iluminava tudo. A calcinha preta arranquei com os dentes. Ficou nuinha em pêlo, só a correntinha dourada no tornozelo. Então botei pra quebrar.

A loira não reclamou da brincadeira, ao contrário, a boquinha em fogo — isso ninguém finge. Eu gosto do amor caprichado, sem pressa. Ela, pelo jeito, insaciável também, sempre pronta, nunca vi igual. Por mim, passava a madrugada na diversão, mas vida de trabalhador é dura, o dia começa cedo.

No fim, admito, aproveitei pra fazer arte, umas coisas diferentes. Não sabia que a loira era mãe de família, juro.